

INFORMAÇÕES GERAIS DO TRABALHO

Título do Trabalho: É possível que o cineclube atue no sentido de constituir uma comunidade de cinema?

Autor (es): Maria Eduarda Andrade Mendonça, Samara Brune Silva, Giovani Peterson Alves Mendes, Gabriel Hübner Moreira Gonçalves Palhares, Bruno Francisco Melo Pereira

Palavras-chave: Cineclube, comunidade de cinema, educação

Campus: Betim

Área do Conhecimento (CNPq): Ciências Humanas

RESUMO

Após quase dois anos de atividade, o Cineclube Cidadão, projeto de extensão do IFMG campus Betim, se colocou a seguinte pergunta: será que as atividades desenvolvidas tanto para formação dos monitores quanto por estes junto aos colegas nos permitiriam afirmar que o movimento cineclubista pode ser considerado como criador de uma comunidade de cinema? Neste artigo tentamos elencar elementos que nos permitam vislumbrar respostas para esta questão. Partindo da potência transformadora do cinema, após a percepção de que vários professores usam recursos fílmicos em suas atividades, sob a luz de uma legislação que nos obriga à exibição de duas horas mensais de produções audiovisuais nacionais, resolvemos observar o projeto inicial do Cineclube Cidadão e construir um instrumento de coleta de informações a ser aplicado em algumas de nossas sessões. O formulário construído para esta pesquisa foi aplicado aos estudantes do próprio campus, numa tentativa de entender questões como: através de quais mídias os estudantes têm acesso às obras; é oportunizado um momento para realizar uma reflexão acerca das obras assistidas; o levantamento da participação dos estudantes em festivais de cinema. Tais questionamentos permitiram reconhecer o cineclube como uma ferramenta de ampliação das possibilidades de análise dos recursos fílmicos na escola. As juventudes são submetidas a um afluxo de recursos audiovisuais cada vez maior, o que acaba por vulgarizar o ato de os assistir. Concluímos que a participação no cineclube traz a possibilidade de que os estudantes aprofundem a capacidade crítica e oportuniza o debate, mediado pelos monitores e orientadores. Outra conclusão, fruto das pesquisas e discussões realizadas pelo comitê gestor, é que o cineclube deve atuar para fomentar produções estudantis tanto do próprio IFMG como das escolas do entorno do campus Betim. Assim, podemos atuar como agentes que permitem a estas juventudes a expressão de suas necessidades, intenções e verdades, restaurando uma fala até então silenciada, que pode nos mostrar muito da realidade enfrentada pelos estudantes e suas comunidades.

INTRODUÇÃO:

Com o propósito de estudo, discussão e tratamento das obras cinematográficas como criadoras de críticas e ponderações sociais, políticas e econômicas dos diversos âmbitos da vida humana, surgem durante o século XX, os Cineclubes. Estas instituições almejam não somente a exposição de produções cinematográficas, mas também a posterior discussão de ideias por parte dos organizadores, almejando a uma indagação reflexiva ao público participante.

Em 2016 o docente Bruno Pereira, juntamente com o bibliotecário Denísio Pereira, implementaram o projeto “Cineclube Cidadão” no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) campus Betim, com a finalidade de integração dos alunos com a perspectiva interpretativa do grupo. O cineclube atuou tanto realizando exibições destinadas aos discentes e servidores, quanto selecionando alguns dos estudantes para auxiliar na condução das atividades. Este grupo de estudantes realiza desde de as tarefas mais simples, como a montagem do equipamento e divulgação das sessões à comunidade interna até as mais complexas, relacionadas à curadoria e seleção de filmes e a realização de debates após a exibição das obras audiovisuais.

Em 2018, o projeto realizou várias sessões internas, durante um processo de treinamento dos monitores em que os mesmos trabalharam com a produção de peças de divulgação das sessões, organizaram os momentos e inclusive conduziram as discussões acerca dos filmes com os estudantes, após as sessões. Igualmente, neste ano, houve a exibição de um documentário dirigido pelo professor de artes do Campus e co-orientador do projeto, Tiago Cruvinel, denominado “O pé de bico”.

É comum que na idade dos estudantes do campus, considerado público interno do projeto, haja um grande interesse em séries típicas da televisão hollywoodiana. Por isso, semanalmente, ocorrem sessões em que os monitores do projeto exibem este tipo de produção televisiva aos estudantes, como um momento de fruição e descontração. Já nas exibições de longa metragens, utilizamos filmes que se encaixem em temáticas pré-estabelecidas pelos monitores e realizamos uma discussão mais aprofundada desta temática através da análise e discussão posterior. Acreditamos que em ambos momentos, estas exibições beneficiam os estudantes e auxiliam em sua formação cognitiva unindo lazer a aprendizagem. Através de questionamentos simples que aos poucos mergulham cada vez mais a fundo na interpretação dos filmes, séries e documentários os monitores conseguem com que os próprios alunos enxerguem elementos existentes em diversos filmes, mas que antes eles não observavam.

O Cineclube Cidadão objetiva, similarmente, a inserção da comunidade próxima ao Campus Betim em suas atividades, visto que tal ato é de extrema importância para a sociedade de forma ampla. Uma das estratégias, no que diz respeito a localização do Campus, era de que as diversas atividades oferecidas por uma instituição federal disponibilizassem para a comunidade no entorno a oportunidade de participar dos projetos organizados por docentes e discentes. Deste modo, os projetos de extensão oferecidos pela escola permitem elevar o IDH regional, pela disponibilidade de serviços e de forma positiva usufruir dos recursos públicos que a instituição possui, do mesmo modo que os alunos, ao participarem destes projetos, se beneficiam participando da educação humana.

O Cineclube, por meio da discussão da linguagem cinematográfica, buscou ensinar seus monitores a decifrar as manifestações culturais, críticas sociais, e relações temáticas presentes nas obras, que se observadas de maneira simples passam a impressão de serem apenas ficção. Desta forma o Cineclube se torna não só um projeto para a sociedade, mas uma formação para os próprios monitores, que estendem esta formação aos colegas e membros da comunidade externa ao campus. No entanto, afinal, é possível entender o Cineclube como elemento formador de uma comunidade de cinema?

METODOLOGIA:

Com intuito de buscar responder o questionamento anterior, é necessário compreender a importância do cinema para as juventudes que frequentam as sessões do cineclube. Para os professores, estudos anteriores apontam a percepção do mesmo como uma ferramenta de ensino aprendizagem que permite trabalhar aspectos negligenciados do ensino de ciências. (PEREIRA, SÁ e FONSECA, 2017).

Contudo, podemos nos perguntar quais os motivos devem levar escolas e professores a utilizarem o cinema nas suas práticas educativas? Algumas questões se apresentam em maior ou menor grau em nosso país, mas há um argumento que pode ser usado em qualquer escola brasileira. No Brasil as escolas estão obrigadas pela Lei 13.006 de 26 de junho de 2014 a exibirem pelo menos duas horas de produções fílmicas nacionais ao longo do mês, como componente curricular complementar. Realizar a discussão sobre a implementação desta lei nas escolas brasileiras e sua adequação dentro dos espaços e tempos escolares por meio de propostas curriculares diferenciadas demanda uma tomada de posição dos docentes, que muda a forma como o cinema tem sido tratado nas escolas. Concordamos com a posição de Fresquet e Migliorin (2015) quando afirmam que as muitas possibilidades de utilização do cinema suplantam possíveis dificuldades relacionadas com a implementação desta legislação nas escolas.

Podemos dizer que ao assistir a uma produção cinematográfica o telespectador está presenciando o uso de elementos verbais e não-verbais, que estão associados à forma como o diretor compreendeu algo e o deseja apresentar. Por meio destes, o indivíduo tende a ampliar suas capacidades interpretativas e perceber as demandas sociais relacionadas à temática abordada pelo diretor. Jacques Ranciere, filósofo O cinema quando debatido e estudado por um grupo de indivíduos, partilhando assim, das mesmas condições de experiência, se constitui numa comunidade de cinema. Definimos este termo como o conjunto de pessoas que estudam, criticam e produzem cinema, mas temos percebido que seria possível também estender o termo àqueles que consomem cinema (GUIMARÃES, 2015). Por isso se vê imprescindível a agregação de discentes ao cinema para alcançar um estado de pensamento crítico, reflexivo e argumentativo mais profundo.

O Cineclube no IFMG-Campus Betim proporciona aos estudantes e a comunidade ao entorno uma maior interação com as obras cinematográfica, uma vez que após assistidas iniciamos uma discussão das mesmas, para guiá-los a um raciocínio mais aprofundado. Atualmente, quatro (4) monitores participam do projeto, dois (2) deles são alunos do 2º ano do Ensino médio, um (1) do 1º ano e um (1) cursa o 3º ano. Sendo assim, as sessões são realizadas durante os horários disponíveis dos respectivos estudantes, portanto, há um quadro de horários de sessões que abrange a todas as classes do IFMG Betim.

Durante o mês de maio de 2018, devido às celebrações do Dia Internacional do Trabalho e às recentes alterações na legislação que trata dos direitos dos trabalhadores e que regula as relações trabalhistas em nosso país o conselho curador, constituído pelos monitores do cineclube, definiu como temática filmes que permitissem a discussão sobre o “Mundo do Trabalho”. Assim, buscamos apresentar longas metragens que permitissem discutir aspectos desta temática.

Construímos um formulário que nos permitisse compreender alguns dos aspectos desta possível comunidade de cinema, como entender qual o suporte principal em que os estudantes assistem aos filmes, se em algum momento já discutiram o cinema para além dos aspectos de sua fruição e de que forma conseguiam perceber as temáticas abordadas nas obras cinematográficas. Além destes aspectos, informações sobre idade, gênero e série foram colhidas. Este formulário foi construído através do aplicativo Google Formulários e aplicado aos espectadores através de um tablet ligado à internet através da rede wireless do auditório do campus.

Aproveitamos duas das sessões realizadas neste mês para aplicar este questionário. Nestas sessões realizamos as exhibições dos filmes “Vidas Secas”, (04/05/2018) e “O Diabo veste Prada”, (23/05/2018), solicitando que os estudantes preenchessem o formulário. As seguintes questões são analisadas neste trabalho:

- Onde costuma assistir filmes? com cinco alternativas de resposta (Cinema; Televisão; Cineclubes; DVD; Internet).

A intenção foi perceber de que maneira o conteúdo fílmico é acessado pelos estudantes atualmente.

- Quando assiste a um determinado filme você costuma refletir criticamente sobre ele?
- Já participou de alguma Mostra ou Festival de Cinema ou Cineclube fora do IFMG? com duas opções de respostas (Sim; Não). Caso a resposta for afirmativa, o aluno é solicitado a responder “Onde?” através de uma resposta discursiva.

Foi também proposta uma pergunta discursiva onde os estudantes eram solicitados a dizer qual a principal ideia do filme. Não iremos discutir neste trabalho as respostas fornecidas pelos estudantes a esta questão discursiva, dado o recorte que pretendemos realizar neste trabalho.

Após a exibição dos filmes realizamos debates sobre as percepções que os estudantes tiveram acerca dos mesmos, trazendo outras informações sobre a linguagem cinematográfica e as intenções dos diretores ao construir os filmes das maneiras que fizeram. Nossa intenção sempre é que possamos induzir o estudante a chegar a um entendimento superior do filme.

Ao todo, 37 estudantes compareceram às exibições e responderam aos questionários aplicados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

As respostas obtidas a partir dos formulários aplicados aos estudantes permitiu que fossem realizadas as seguintes análises, numa tentativa de estabelecer o cineclubes como um espaço onde se constrói uma comunidade de cinema.

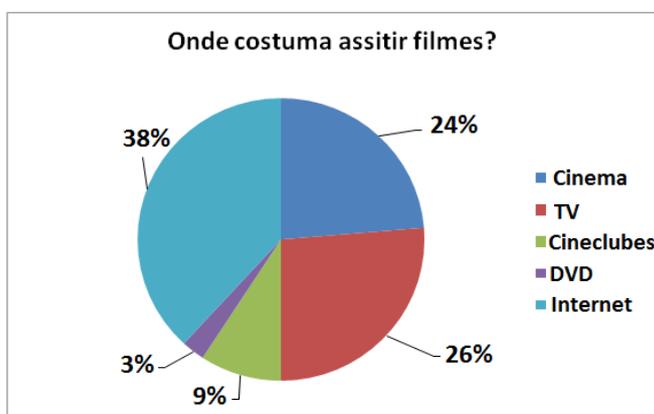


Gráfico 1

No gráfico “Onde costuma assistir filmes”, é possível observar que somente 9% dos entrevistados possuem certa frequência em cineclubes, enquanto isto, a grande maioria das pessoas tem o hábito assistir filmes em cinemas, tv, DVD, ou internet, isto é lugares que geralmente não possuem um foco maior no fomento à discussão cultural ou interpretação crítica de possíveis mensagens e referências estabelecidas nos filmes.

Outro aspecto impactante vem da baixa quantidade de espectadores que utilizam aparelhos de reprodução de audiovisual como DVD's em suas casas. Somente 3% dos estudantes relatam utilizar esta forma de visualização de filmes. Este dado aponta fortemente para uma alteração na forma como os jovens consomem audiovisuais.

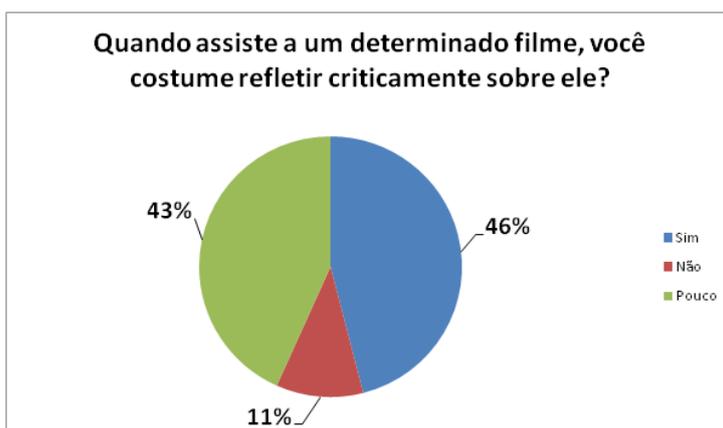


Gráfico 2

A partir da segunda questão, construímos o gráfico 2. Pode-se aferir que a maior parte dos discentes (54,05%) respondeu que raramente ou nunca refletem acerca do que assistem, dado que pode possuir tênue relação com a pesquisa a respeito do local onde os estudantes costumam assistir às obras cinematográficas, visto que apenas 9,21% disseram ter uma frequência no comparecimento à cineclubes. Fator que solidifica os desafios direcionados aos participantes do Cineclubes Cidadão, para que o projeto consiga abranger a um número ainda maior de pessoas, uma vez que o pensamento fundamentado em filmes ou séries faz com que os indivíduos acrescentem valores a seus princípios e compreendam de maneira mais ampla as relações humanas, políticas e econômicas, contribuindo para cidadãos reflexivos e não apenas sujeitos que simplesmente aceitam o que lhes é imposto

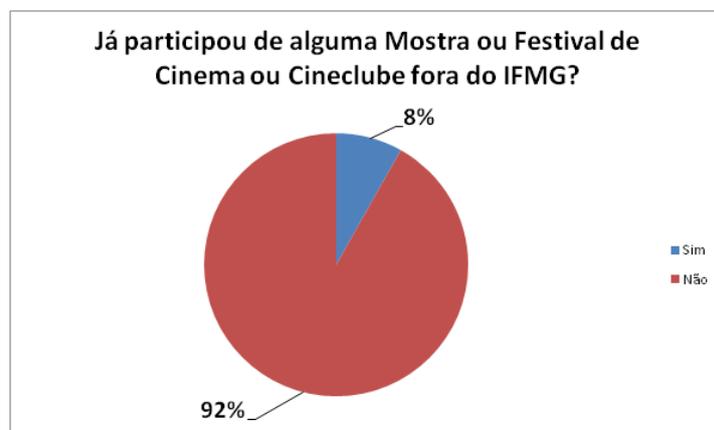


Gráfico 3

Os dados indicados no gráfico 3 de pesquisa e levantamento de informações, apresentam um dos pontos críticos na construção do embasamento argumentativo de nosso projeto. Esse gráfico indica o quanto a cultura cineclubista se mostra pouco praticada, por falta de incentivo ou procura da mesma. Dentre os alunos que responderam “Sim”, são citados os festivais na cidade de Ouro Preto e eventos no Cinema Belas Artes em Belo Horizonte. Uma outra pequena parte respondeu que havia participado de um festival em suas antigas escolas.

Os dados apresentados são frutos de uma pesquisa feita com alunos do IFMG que possuem acesso aos cineclubes dentro da instituição de ensino, contudo estes estudantes utilizam e/ou frequentam outros meios de exibições fílmicas, sendo assim podemos inferir que demais jovens sem acesso a essas instituições dificilmente tem acesso a exibições diferenciadas de obras audiovisuais que possuem objetivos além de proporcionar momentos de fruição.

CONCLUSÕES:

Com base na análise de dados pode-se concluir que o acesso a cineclubes é estritamente limitado no âmbito dos estudantes do campus Betim. Desta forma, somos compelidos a tentar ampliar o debate da importância do cinema em nossa instituição. Os resultados deste trabalho apontam para a necessidade de estender o movimento cineclubista para o entorno do campus, como proposto inicialmente no projeto de extensão Cineclubes Cidadão. Pretendemos, ao longo do 2º Semestre de 2018, realizar sessões específicas

para a comunidade da região onde o campus está inserido, numa tentativa de tornar o IFMG campus Betim polo de discussão sobre utilização do cinema na educação.

Este debate tem grande importância no âmbito educacional, uma vez que devemos realizar uma reflexão crítica acerca do uso que devemos fazer das oportunidades criadas pela lei Nº 13.006 de 26 de junho de 2014, que prevê a exibição obrigatória de duas horas mensais de obras do cinema nacional nas escolas de educação básica de todo o Brasil.

Para além disso, as respostas aos questionários bem como algumas iniciativas isoladas de professores do campus Betim apontam para um novo passo que poderia ser dado, no sentido de que o cineclubes possa encarar as dificuldades de ampliar o movimento conhecido como Pedagogia do Cinema. Defendido por autores nacionais, mas cujo principal expoente é Alain Bergala (2008), esta pedagogia do cinema defende a prática do cinema como ferramenta fundamental para ler o mundo enquanto o altera. Como diz César Migliorin (2012)

... Bergala (2008) nos assinala que o cinema é questão de criação, não de transmissão de um saber audiovisual ou artístico. A arte não se ensina, se experimenta. A experiência deve ser nova para o professor e para o aluno, enfatiza, ainda, Bergala. É pela experiência que o professor pode sair do lugar daquele que ensina para experimentar com os alunos. (p.110)

Neste movimento, o cineclubes apoiou a produção de um vídeo realizado pelos estudantes que participaram da II Jornada Integrada de Foguetes, realizada em parceria com o Centro Federal de educação Tecnológica - campus I e o Colégio Militar de Belo Horizonte, no primeiro semestre deste ano. Nesta obra, os estudantes retratam as dificuldades na realização da montagem e lançamento de foguetes propelidos por reação química de bicarbonato e vinagre. Suas experiências e vivências se traduziram na realização de um curta metragem, que os permitiu revisitar todas as fases da experiência vivida por eles, através de entrevistas, cenas gravadas durante a jornada e refilmagens de lançamentos.

Por fim, acreditamos que a resposta à questão inicial é a de que o cineclubes é uma ferramenta capaz de constituir uma comunidade de cinema, pois permite discussões acerca desta arte que não são realizadas pela nossa juventude em outros locais. Além disso, os interesses daqueles que pertencem ao cineclubes - seja como monitores, orientadores ou espectadores - podem convergir na direção da produção de recursos audiovisuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL, **Lei 13.006**, de 26 jun. 2014

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Tradução: Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE/FE/UFRJ, 2008.

GUIMARÃES, César. O que é uma comunidade de cinema? In: **Revista Eco-Pós Dossiê Arte, Tecnologia e Mediação**. V. 18, N. 1, 2015, p. 45-56.

PEREIRA, B. F. M.; SÁ, E. F.; FONSECA, M. A. Prática de professores com o uso de longa-metragem enquanto estratégia didática. In: **Atas do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC**. Florianópolis, SC. 2017.

MIGLIORIN, C. Cinema e escola, sob o risco da democracia. **Revista Contemporânea de Educação**, [S.l.], v. 5, n. 9, jan. 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1604/1452>>. Acesso em: 10 Jun. 2018

FRESQUET, A.; MIGLIORIN, C. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. **Cinema e educação: a Lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas**, Ouro Preto; Universo Produção, 2015

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. In: RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Orfeu Negro: Lisboa. 2010, P. 5-36.

Participação em Congressos, publicações e/ou pedidos de proteção intelectual:

Este artigo não foi submetido a nenhum outro congresso ou revista de divulgação científica.